

MOVIMENTO FEMININO E FEMINISMO

Marcus Gomes*

O feminismo teve uma ascensão meteórica nas últimas décadas, mas parece que já inicia o seu declínio. O movimento feminino, por sua vez, deve ser impactado quantitativamente por esse declínio, mas deve assumir novas formas e em alguns casos se reformular. O movimento das mulheres ganhou mais força também e tende a entrar em decadência mantendo-se junto com o feminismo ou manter certa força mudando de orientação. Esse processo remete para a compreensão da relação entre movimento feminino e feminismo. O que é o movimento feminino? O que é o feminismo? Quais suas relações? O que significa a distinção entre feminismo e movimento feminino? Essas questões podem ser sintetizadas na discussão entre a distinção e relação entre movimento feminino e feminismo, que é o objetivo do presente artigo.

O mais comum é se referir ao feminismo e ao movimento das mulheres sob uma única forma: movimento feminista. Isso gera uma indistinção entre o movimento feminino e o feminismo. No entanto, algumas autoras e alguns pesquisadores realizam tal distinção. Qual é a origem e significado dessa distinção? A distinção é antiga e já aparece nos primórdios do movimento feminino, mas de

* Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

forma não explicitada. A forma explícita dessa distinção pode ser vista em alguns casos. Ao que tudo indica, foi Clara Zetkin a primeira a realizar *explicitamente* essa distinção:

Costumamos falar de “movimento feminista” para nos referirmos de maneira geral à luta das mulheres. É importante, contudo, tal como fez Clara Zetkin, começar diferenciando o movimento feminino de luta, cujo sujeito social são as mulheres, do feminismo como ideologia. Na história, surgiram dois grandes movimentos das mulheres. O primeiro coincidiu com a época das revoluções burguesas e o desenvolvimento da industrialização. O segundo que coincidiu com a incorporação massiva das mulheres ao mercado de trabalho, à atividade produtiva (e não simplesmente reprodutiva) após a Segunda Guerra Mundial. Essa diferença entre movimento e ideologia é importante porque o primeiro movimento de mulheres, que surgiu com as revoluções burguesas e a industrialização, não foi necessariamente feminista, mas, como assinala Zetkin, uma grande parte do movimento feminino não era feminista. Havia uma ala burguesa que eventualmente se definiu como feminista na Alemanha. Existiu também uma ala social-democrata ou socialista. O historiador Richard Evans calcula que, em 1914, o SPD, como resultado de seu trabalho no setor feminino da classe trabalhadora, possuía 175.000 mulheres filiadas (OPEEN, 2018, p. 99-100).

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[149]

Alexandra Kollontai, por sua vez, realizou uma oposição entre o “feminismo” como uma expressão das mulheres burguesas em contraposição ao movimento das mulheres trabalhadoras:

Então é realmente possível falar de feministas como as pioneiras no caminho para o trabalho das mulheres, quando em cada país centenas de milhares de mulheres proletárias tinha inundado fábricas e oficinas, apreendendo um ramo da indústria uma após a outra, antes mesmo do movimento de mulheres burguesas ter nascido? Só através do reconhecimento do trabalho das mulheres trabalhadoras no mercado mundial as mulheres burguesas puderam ocupar a posição independente na sociedade que tanto as feministas se orgulham (KOLLONTAI, 2018).

Achamos difícil apontar um único evento na história da luta das mulheres proletárias para melhorar as suas condições materiais em que o movimento feminista em geral, tem contribuído significativamente. Seja qual for o que as mulheres proletárias conseguiram melhorar em seus padrões de vida, é o resultado dos esforços da classe trabalhadora em geral e, delas mesmas em particular. A história da luta das mulheres trabalhadoras para melhorar as suas condições de trabalho e uma vida mais digna é a história da luta do proletariado pela libertação (KOLLONTAI, 2018).

Outro caso explícito de distinção é o de Sardenberg e Costa (1994), segundo a qual “há que se distinguir o

feminismo enquanto doutrina (ou ideologia) do movimento social (e seus fluxos e refluxos)”. Uma concepção que surge em concordância com a anterior, mas a desenvolve, é a seguinte:

Utilizamos movimento feminino ao invés de feminista, pois o feminismo (como ideologia, doutrina, etc.) é parte desse movimento e não ele em sua totalidade. Nem todas as mobilizações das mulheres são “feministas” (a não ser que se confunda esse termo com toda e qualquer concepção que defenda os interesses das mulheres, o que seria uma extrapolação). As lutas das mulheres das classes trabalhadoras geralmente não são relacionadas com concepções feministas. Esse é o caso do “clube das mães”, analisadas por Sader [...], para citar apenas um exemplo (VIANA, 2016, p. 10).

Aqui o argumento é a de que o feminismo é uma produção intelectual, que pode ser doutrina, ideologia, etc., que pode ser considerado uma ramificação do movimento feminino, mas não ele em sua totalidade. A razão disso se encontra tanto numa questão teórico-conceitual (definição de movimentos sociais e suas ramificações) quanto concreta (distinção que existe efetivamente na realidade). Assim, desde Clara Zetkin há essa distinção e ela se fundamenta na diferenciação entre movimento social e ideologia. Vamos partir dessa concepção para explicitar a distinção e relação entre movimento feminino e feminismo.

Simultaneamente, há uma recusa do feminismo na contemporaneidade, mais voltado para suas manifestações contemporâneas. Esse é o caso de Jessa Crispin:

O feminismo é:

- Um mecanismo de autoafirmação narcisista: me defino como feminista, portanto tudo que eu faço será um ato feminista por mais banal ou retrógrado que pareça. Em outras palavras: faça o que fizer, sou uma heroína.
- Uma luta para lograr que as mulheres possam participar equitativamente da opressão dos pobres e desvalidos.
- Um método para envergonhar e silenciar qualquer um que não coincida contigo baseado na ingênua crença de que o desacordo ou o conflito são uma agressão.
- Um sistema defensivo que emprega advertências de conteúdo sensível, a linguagem politicamente correta, a justiça popular e a falácia do espantalho¹ para evitar que nos sintamos incomodadas ou questionadas.

¹ A falácia do espantalho, ou do “homem de palha”, se caracteriza por buscar ridicularizar o oponente exagerando ou tergiversando seu argumento. O seu esquema lógico é o seguinte: A afirma X, B critica A afirmação Y, pois a afirmação de A é falsa. Exemplo: A: “não considero adequado que os adolescentes saiam de férias sozinhos”. B: “o que você quer é forçá-los a ficarem trancados em casa e não terem vida social”.

- Um cão de rapina posando como um gatinho com uma gota de leite fresco escorregando pelo focinho.
- Um debate que já dura dez anos sobre que programa de televisão é um bom programa de televisão e que programa de televisão é um mau programa de televisão.
- Um refresco insípido e reformulado submetido à técnica dos grupos focais para que seja atraente e inofensivo para todos, com um efeito descalcificador cientificamente comprovado e um imenso orçamento de marketing; um slogan: "Vá em frente, seja um monstro. Você merece".
- Uma aspiração. Pode ser que tenha pena dos que estão abaixo de você, mas, na realidade, isso não é problema seu. Os que estão por cima são modelos de comportamento para alcançar a melhor das vidas; isto é: uma vida de riqueza e conforto com uma bunda firme.
- Algo que gira completamente em torno de você.

Por estes e outros motivos, eu não sou feminista (CRISPIN, 2016, p. 29).

Assim, fica claro que o feminismo não é um consenso entre as mulheres e nem pode ser confundido com o movimento feminino. Por isso é preciso esclarecer a distinção, o que já foi apontado introdutoriamente através de alguns posicionamentos sobre esta questão. Porém, devemos aprofundar essa reflexão e torná-la mais clara possível.

Iniciemos, portanto, com a questão teórico-conceitual. O movimento feminino é um movimento social. O que é um movimento social? Um movimento social é um movimento de um grupo social² gerado por uma situação social específica que gera uma insatisfação social que, por sua vez, produz mobilização, senso de pertencimento e objetivos (VIANA, 2016). Esse processo gera a formação de ideias, representações, concepções, ideologias, teorias, etc. Também gera grupos derivados, organizações, tendências, etc. Assim, o grupo social é o elemento basilar e fundamental, sem o qual não existiria movimento, mas que sua mera existência não constitui um movimento social. O grupo precisa “entrar em fusão”, expressão extraída de Sartre (2002), para poder gerar um movimento social. O grupo social não entra em fusão em sua totalidade, mas apenas parte dele. Essa parte dos indivíduos componentes do grupo social que entram em fusão e realizam mobilizações, formam o movimento social. Indivíduos do grupo podem ser alheios ou até contrários ao movimento social originado do seu grupo social ou então podem se opor a certos setores desse movimento.

Como os grupos sociais de base dos movimentos sociais são heterogêneos³, estão divididos em distintas classes sociais, entre outras divisões e subdivisões, então

² A compreensão dos movimentos sociais como “movimento de grupos sociais” é uma conquista da teoria dos movimentos sociais a partir da análise marxista (JENSEN, 2014; VIANA, 2016) e explicita a especificidade desse fenômeno social, inseparável de determinados grupos sociais.

³ É o caso da maioria, mas existem algumas exceções, tal como no caso de alguns grupos sociais situacionais (VIANA, 2016).

não existe homogeneidade no grupo e isso promove a constituição de distintas representações, concepções, ideologias, organizações, tendências, etc. Os indivíduos que se mobilizam e entram em fusão constituindo o movimento social também são perpassados por tais divisões. Assim, um movimento social vai gerar distintas concepções a respeito de si, do grupos sociais que dizem expressar, dos inimigos a combater, das necessidades e objetivos, etc. Da mesma forma, e relacionada com essa heterogeneidade cultural, também surgem distintas tendências, organizações, etc. Esses elementos derivados dos movimentos sociais podem ser consideradas ramificações dos mesmos (VIANA, 2016).

As ramificações dos movimentos sociais se distinguem dele, pois um movimento social em sua totalidade não pode ser confundido com as diversas concepções, ideologias, organizações, tendências, que surgem no seu interior. Assim, a UNE (União Nacional dos Estudantes), a UEE (União Estadual dos Estudantes) em cada estado da federação brasileira, os grêmios estudantis, os centros acadêmicos dos universitários, assim como organizações estudantis voltadas para o problema da moradia estudantil e outros problemas particulares não são, cada um, um movimento social. São ramificações do movimento estudantil. Da mesma forma, as tendências ligadas a partidos políticos, as tendências apartidárias e antipartidárias, as tendências conservadoras, progressistas e revolucionárias, não são o movimento estudantil e sim parte dele. As concepções, representações, valores, ideias, geradas pelas diversas tendências e organizações estudantis também não são o movimento estudantil e sim parte dele.

Assim, a distinção entre movimento social e ramificações é fundamental para compreender a diferença entre movimento feminino e feminismo. O movimento feminino é um movimento social, cujo grupo social de base é o das mulheres⁴. Mas nem todas as mulheres atuam no movimento feminino e muitas delas são contra tal movimento. Da mesma forma, nem todas as mulheres são “feministas” e muitas são contra o feminismo, inclusive por razões distintas (existe uma oposição conservadora e uma oposição revolucionária, ou seja, por motivos radicalmente distintos)⁵. Além disso, tal como foi exemplificado anteriormente, muitas mulheres lutam pelos interesses do

⁴ Esse movimento social é caracterizado pela mobilização das mulheres (através de diversas formas: produção intelectual, manifestações, reivindicações sob diversos meios, se manifestando contra determinadas situações específicas, como a inexistência do voto feminino, a liberdade corporal, a desigualdade no trabalho, a opressão, o sexismo, etc.), mostrando sua insatisfação em relação a determinada situação social específica e desenvolvendo senso de pertencimento e objetivos, elementos constitutivos dos movimentos sociais.

⁵ Virginia Woolf, por exemplo, considerava, em 1938, o termo “feminismo” obsoleto (CAMARGO, 1995). A sua crítica ao feminismo, tal como a realizada anteriormente por Alexandra Kollontai, foi depois interpretada, ela mesma, como “feminista”, uma confusão terminológica sem sentido. A transformação de toda luta ou ideia favorável às mulheres em “feminismo” é um produto ilusório da hegemonia feminista e isso é tão verdadeiro que até aqueles que apresentam a crítica de Woolf ao feminismo conseguem intitular o artigo como “o feminismo de Virginia Woolf”... (CAMARGO, 1995). Mais recentemente emergiram novas formas de recusa feminina e militante do feminismo, tal como se observa em Jessa Crispin (2016) e em diversas outras militantes, por razões e com justificativas distintas.

sexo feminino mas não se dizem feministas e algumas inclusive são críticas do feminismo. É importante, portanto, definir os dois termos mais importantes de nossa discussão: movimento feminino e feminismo.

O movimento feminino é o movimento social do grupo social das mulheres e este se desenvolveu historicamente. A formação do movimento feminino ocorreu durante um longo processo histórico, sendo que as primeiras manifestações de senso de pertencimento feminino foi mais ato individual de algumas mulheres, que depois foi reforçado por alguns homens. Uma mobilização feminina emerge atrelada ao movimento operário e depois socialista, no século 19. No interior das lutas sociais, especialmente da luta operária, e do movimento socialista, surgem as primeiras lutas especificamente femininas. Flora Tristan, Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin exemplificam esse processo. Rosa Luxemburgo, no entanto, nunca se disse “feminista”⁶.

O movimento feminino se desenvolveu sob outras formas, como, por exemplo, no caso do sufrágio e diversas outras manifestações, que cresceram em quantidade, especialmente a partir de 1945 no capitalismo imperialista (EUA e Europa) e um pouco posterior no capitalismo subordinado (“terceiro mundo”). No final dos

⁶ Isso, no entanto, não é percebido imediatamente. A emergência das ideologias feministas acabaram criando uma confusão entre movimento feminino e feminismo, bem como, em consequência, em considerar que toda luta a favor das mulheres seria “feminismo”. Assim, até pensadoras do nível de Raya Dunavskaja (1985) relacionam Rosa Luxemburgo com feminismo, o que é um forte equívoco.

anos 1960 há um avanço do movimento feminino nos países capitalistas imperialistas e, de certa forma, nos países de capitalismo subordinado. Esse processo foi se desenvolvendo e persiste até os dias de hoje.

O movimento feminino não possui homogeneidade. Ele está dividido em classes sociais, pois existe um movimento feminino composto fundamentalmente por mulheres das classes privilegiadas, bem como outros compostos por mulheres trabalhadoras. Da mesma forma, as ideias defendidas pelas diversas organizações e tendências são variadas: “liberais”, “radicais”, “existencialistas”, “marxistas”, “anarquistas”, “socialdemocratas”, etc. Existem algumas ramificações do movimento feminino que conseguem mais espaço nos meios oligopolistas de comunicação e nos meios acadêmicos, especialmente aqueles das mulheres das classes privilegiadas, por razões óbvias (seus recursos superiores, seu acesso a pessoas, sua estrutura organizativa, sua maior bagagem cultural, suas ideologias, etc.). Nesse contexto, o feminismo ganha destaque e hegemonia, tanto no interior do movimento feminino das mulheres das classes privilegiadas, quanto nos meios acadêmicos e de comunicação. Assim, torna-se importante discutir o feminismo e sua relação com o movimento feminino.

O feminismo, por sua vez, também requer uma explicação do seu significado. Podemos definir, provisoriamente⁷, o feminismo como uma *concepção*

⁷ Seria necessário um estudo mais profundo e desenvolvido sobre o feminismo, indo além do apologismo e descritivismo de algumas abordagens, para a elaboração de um conceito que expresse o seu significado de forma mais profunda. Na falta disso, apresentamos uma

ambígua (que pode se manifestar sob a forma de ideologia, doutrina ou representações) que *diz* representar os interesses das mulheres como *grupo social*, ou seja, como um todo. A ambiguidade do discurso feminista se revela no fato de dizer representar os interesses de todas as mulheres, mas representar, no fundo, interesses individuais, setoriais ou das mulheres de determinada(s) classe(s) social(is)⁸. E isso é derivado, como já apontava Alexandra Kollontai (2018), de sua base de classe, ou seja, ao fato de ser expressão das mulheres das classes privilegiadas.

Feministas veem os homens como o inimigo principal, os homens que tomaram injustamente todos os direitos e privilégios para si, deixando as mulheres apenas

definição provisória, que poderá ser revista para ganhar maior profundidade e proximidade com a realidade. A diversidade de definições de feminismo por parte de mulheres e feministas, indo das mais simplórias até as mais elaboradas, geralmente parte de diversas confusões. Uma delas é a confusão entre o movimento feminino e feminismo. Outra confusão comum na definição do feminismo é quando ela é realizada a partir das intenções de algumas mulheres que são transferidas para o que denominam “feminismo” (por exemplo, se uma mulher que se considera feminista acha que o “feminismo” – na maioria das vezes confundido com o movimento feminino – a luta por “direitos iguais”, então vai defini-lo assim, abstraindo que muitas mulheres foram contra isto ou criando o subterfúgio de chamar isso de “femismo”, que seria “outra coisa”), entre outras formas de entendimento desse termo.

⁸ E, contemporaneamente, com a hegemonia do paradigma subjetivista e ideologias divisionistas e favoráveis à fragmentação, se desenvolveu uma ambiguidade ainda maior com os feminismos seletivos (negro, lésbico, etc.), que divide as mulheres em subdivisões e ainda mantém o termo “feminismo”.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[159]

cadeias e obrigações. Para elas, a vitória é ganha quando um privilégio desfrutado anteriormente exclusivamente pelo masculino é dado ao "sexo frágil". Já as mulheres trabalhadoras têm uma visão diferente. Elas não veem os homens como o inimigo e opressor, no entanto, elas pensam nos homens como seus pares, que partilham com elas a monotonia da rotina diária e lutam com elas por um futuro melhor. A mulher e seu companheiro do sexo masculino são escravizados pelas mesmas condições sociais, pelas mesmas odiosas cadeias do capitalismo que oprimem as suas vontades e os privam das alegrias e encantos da vida. É certo que há vários aspectos específicos do sistema contemporâneo que são um duplo fardo sobre as mulheres, como também é verdade que as condições de trabalho dos salários às vezes convertem as mulheres trabalhadoras em competidoras e rivais dos homens. Mas nestas condições desfavoráveis, a classe trabalhadora sabe quem é o culpado (KOLLONTAI, 2018).

Assim, o feminismo está ligado ao movimento das mulheres, mas é variado em suas manifestações, tendo várias ideologias e doutrinas concorrentes, bem como muitas não são aceitas por grande parte das mulheres e são desconhecidas pela maioria delas. O vínculo da ideologia feminista é com as mulheres das classes privilegiadas e a produção ideológica é realizado pelas mulheres da classe intelectual ou de outras classes próximas, pois esta é sua condição de possibilidade. O feminismo se divide de acordo com o paradigma hegemônico e ideologias hegemônicas da

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[160]

época em que cada ideologia feminista específica é produzida. Em forma hipotética, se poderia falar de um “feminismo existencialista”, como o de Simone de Beauvoir⁹; um “feminismo liberal”, como o de Betty Friedan; um feminismo pós-estruturalista, entre outros. Simone de Beauvoir produziu sua obra quando o existencialismo era hegemônico na França e o feminismo pós-estruturalista emerge justamente quando esta ideologia se torna hegemônica. Por isso as pretensões universalistas de toda ideologia, mesmo das antiuniversalistas, é uma ilusão e apenas reproduz o que é hegemônico, de acordo com os interesses da classe dominante.

Essa distinção entre movimento feminino e feminismo contribui para superar o equívoco de considerar todas as lutas femininas, históricas e concretas, como sendo “feminismo”, mesmo porque muitas delas (bem como muitas mulheres) questionaram o feminismo, algumas explicitamente (Alexandra Kollontai, Virginia Woolf, etc.), outras implicitamente, sem falar numa gama enorme de lutas, movimentos, ações, que se efetivaram sem relação ou mesmo conhecimento do feminismo. A palavra feminismo, por sua vez, tem origem incerta, pelo menos no seu significado como ideologia ou vínculo com o movimento feminino. A palavra teve outros significados antes do surgimento daquilo que posteriormente passou a ser considerado o feminismo ideológico ou doutrinário ou como algo semelhante ao movimento das mulheres.

⁹ É preciso uma pesquisa mais aprofundada para definir mais exatamente a posição de Beauvoir em relação ao feminismo (desde a questão formal, como uso ou não uso do termo e posição diante dele, como objetivos e formas de constituição de sua concepção, etc.).

Em síntese, o feminismo é um fenômeno cultural, uma ideologia ambígua que diz representar os interesses das mulheres e é próximo das mulheres das classes privilegiadas. Isso explicita um elemento importante das ideologias feministas: elas possuem como fundamento o modo de pensar burguês (VIANA, 2018), que é reducionista, anistórico e antinômico (caindo muitas vezes no maniqueísmo). O movimento feminino ligado ao feminismo geralmente tem a mesma base social (mulheres das classes privilegiadas e mulheres ligadas a partidos políticos ou outras organizações burocráticas, como universidades) enquanto que o movimento feminino que não se autodenomina feminista ou que se declara explicitamente não-feminista ou mesmo crítico do feminismo, é o das mulheres trabalhadoras e das mulheres revolucionárias.

A relação entre feminismo e movimento feminino é, portanto, de influência ideológica das classes privilegiadas no movimento das mulheres em geral, que tem mais sucesso no caso das mulheres das classe dominante ou suas classes auxiliares, mas que consegue convencer e influenciar mulheres das classes desprivilegiadas e seu movimento, em menor grau. No fundo, o feminismo acaba sendo uma correia de transmissão do paradigma hegemônico e das ideologias derivadas dele no interior do movimento feminino. Sem dúvida, isso não é feito apenas indiretamente, pois existe toda uma política cultural, financiamento de pesquisa, processos de formação (e políticas educacionais) no sentido de realizar esse processo persuasivo no sentido de afastar as mulheres da luta proletária. Desta forma, ele também pode ser considerado

um meio de cooptação de mulheres, que é efetivado por determinados governos, ou meio de aparelhamento, que é realizado por determinados partidos¹⁰.

Por conseguinte, um movimento feminino autônomo e independente do feminismo e dos paradigmas e ideologias da classe dominante é necessário e somente ele pode efetivar a dupla luta para melhorar as condições de vida das mulheres na sociedade atual e para realizar uma transformação social radical e total no sentido de abolir as bases sociais das condições desumanas que atingem os seres humanos e com mais intensidade as mulheres.

Referências

CAMARGO, Jefferson L. O feminismo em Virginia Woolf. *Itinerários: Revista de Literatura*, n. 8, 1995. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2512/2134>.

CRISPIN, Jessa. *Por qué no soy feminista: Un manifiesto feminista*. Madrid: Lince, 2016.

DUNAYEVSKAYA, Raya. *Rosa Luxemburgo. La Liberación Femenina y La Filosofía Marxista de La Revolución*. México, FCE, 1985.

¹⁰ “Se o feminismo não é outra coisa senão benefício pessoal disfarçado de progresso político, então não é para mim” (CRISPIN, 2016, p. 28).

JENSEN, Karl. Teses Sobre os Movimentos Sociais. *Marxismo e Autogestão*, Vol. 01, num. 01, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/9jensen1/63> Acessado em: 15 de julho de 2014.

KOLLONTAI, Alexandra. Os Fundamentos Sociais da Questão Feminina. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1907/mes/fundamentos.htm> acessado em: 06/06/2018.

OPEEN, Florence. O Feminismo como Ideologia Reformista. Disponível em: <http://phl.bibliotecaleontrotsky.org/arquivo/mv06neept/mv06neept-11o.pdf> acessado em: 06/06/2018.

SARDENBERG, Cecília e COSTA, Ana Alice. Feminismo, Feministas e Movimentos Sociais. in: BRANDÃO, Margarida L. R. e BINGEMER, Maria Clara. *Mulher e Relações de Gênero*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *Crítica da Razão Dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês*. Episteme Burguesa e Episteme Marxista. Curitiba: CRV, 2018.

VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Prismas, 2016.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017. [164]

RESUMO:

O artigo trata da relação entre movimento feminino e feminismo. A partir de uma discussão conceitual e da constatação factual segundo a qual muitas militantes do movimento feminino são se consideram feministas, se apresenta a ideia de que estes dois termos expressam distintas realidades. O movimento feminino é um movimento social existente e cuja base é o grupo social das mulheres. O feminismo é uma concepção ambígua (ideologia ou doutrina) que diz representar os interesses do grupo social das mulheres. A sua ambiguidade, no entanto, desmente tal representação.

Palavras-chave: movimento feminino, feminismo, movimentos sociais, grupos sociais.

ABSTRACT:

The article deals with the relation between feminine movement and feminism. From a conceptual discussion and the factual finding that many feminist activists are considered feminists, the idea is that these two terms express different realities. The women's movement is an existing social movement, the basis of which is the social group of women. Feminism is an ambiguous conception (ideology or doctrine) that claims to represent the interests of women's social group. Its ambiguity, however, belies such representation.

Keywords: feminine movement, feminism, social movements, social groups, ideology.

RESUMEN:

El artículo trata de la relación entre el movimiento femenino y el feminismo. A partir de una discusión conceptual y de la constatación factual según la cual muchas militantes del movimiento femenino se consideran feministas, se presenta la idea de que estos dos términos expresan distintas realidades. El movimiento femenino es un movimiento social existente y cuya base es el grupo social de las mujeres. El feminismo es una concepción ambigua (ideología o doctrina) que dice representar los intereses del grupo social de las mujeres. Su ambigüedad, sin embargo, desmiente tal representación.

Palabras clave: movimiento femenino, feminismo, movimientos sociales, grupos sociales.

Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.
[165]